

FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil ★ ★ ★

Publicado desde 1921

Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

Director de Redação: Otavio Frias Filho

Conselho Editorial: Boris Casoy, Luiz Alberto Bahia, Rogério César de Carqueiro Leite, Osvaldo Parolva, Marcelo Coelho, Roberto Macedo, Carlos Alberto Longo e Otavio Frias Filho (secretário)

Oportunismo golpista

Deriva do mais nefasto espírito conservador e golpista a proposta formulada pelo ministro Antônio Carlos Magalhães no sentido de dissolver o Congresso constituinte e entregar a tarefa de elaboração da nova Carta a uma "comissão" de juristas. Lançada às vésperas do pronunciamento radiofônico em que o presidente dirigiu sua veemência, seu impeto provocador e seu desespero contra a instituição, atribuindo-lhe a tentativa de estabelecer o "caos" —apenas por haver aprovado um texto exigindo ordem de autoridade judiciária para que se efetuem prisões, excetuados os casos de flagrante delito—, a sugestão contribui exclusivamente para fomentar temores e apreensões sobre o compromisso do governo em conduzir dentro das regras estabelecidas a transição em curso.

Afinal, partindo de um ministro de Estado, inegavelmente poderoso dentro da atual equipe de Brasília, tamanho desrespeito às normas instituídas, tamanho desprezo por uma eleição realizada estritamente dentro das normas da democracia, tamanha levandade em preconizar a eliminação de um Congresso que realiza —amparado legitimamente pelo voto— uma tarefa crucial para o país, só podem ser interpretados como um sintoma inequívoco do oportunismo, da truculência e do despreparo político que têm transformado, ao longo de décadas, a história brasileira em uma sequência deprimente de afrontas à normalidade institucional.

Não deixa de ser significativo que o ministro das Comunicações, cuja voz confunde-se frequentemente com a do Planalto, tenha decidido levar a público seus ataques exatamente quando se demonstrava a incapacidade do chamado "Centrão" de impor majoritariamente suas emendas, fato que já permite prever dificuldades para o triunfo do desejado mandato de cinco anos. Foi só ao se aperceber desta fragilidade —pois até então tudo parecia correr bem, e na realidade o plenário tem dado mostras de suas intenções de banir do texto os despropósitos apontados pela opinião pública— que Antônio Carlos Magalhães houve por bem proferir suas críticas e acenar com a grotesca perspectiva de "zerar" a Constituinte, resumindo-a a um grupo de dez técnicos, que fariam o trabalho para o qual foram eleitos representantes da população.

Faltou apenas, para que tudo ficasse definitivamente às claras, explicar como poderia ser levado à prática o propósito: talvez pela constatação de que mesmo a desfaçatez possui seus limites, o proponente preferiu omitir este aspecto tão fundamental. De qualquer forma, a experiência histórica, brasileira e internacional, oferece um considerável repertório de opções para quem pretenda sabotar poderes constituídos. Resta saber qual delas é da predileção do ministro das Comunicações.